

## Acervo José Pascoal Guimarães: Resgate de obras e compositores

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Acervos Musicais Brasileiros

*Roger Debohen Schena*  
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG  
rogerschena@hotmail.com

*Fernando Araújo*  
Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG  
fernandoaraujo@ufmg.br

**Resumo.** Este artigo propõe a importância da pesquisa e da preservação dos acervos musicais como forma de acesso a um contexto histórico singular. O foco é direcionado para o resgate de obras que se encontram às margens da literatura do violão, especificamente de compositores presentes no Acervo José Pascoal Guimarães, recentemente recebido em doação pela UFMG. Segundo o pesquisador Humberto Amorim, esse acervo se configura como o segundo maior do Brasil dedicado majoritariamente ao violão. Nossa investigação se dará em torno de manuscritos até o momento desconhecidos na literatura do instrumento, os quais foram confeccionados por José Pascoal Guimarães. Para tanto, faremos uma breve contextualização biográfica do instrumentista e abordaremos a constituição de seu acervo, para depois, por meio de conceitos e reflexões propostos por Flávia Prando e Pierre Nora, discutir o valor simbólico e cultural de um acervo musical para a musicologia e a performance musical e, por fim, lançar luz sobre a perspectiva de resgate de obras e compositores inéditos, visto que o acervo nos possibilita descortinar práticas musicais do passado, identificando, por exemplo, gêneros e estilos interpretativos.

**Palavras-chave.** Acervos musicais, violão, José Pascoal Guimarães, repertório brasileiro, práticas violonísticas

### Rescuing Works and Composers in José Pascoal Guimarães's Musical Collection

**Abstract.** This article delves into the significance of preserving and researching musical collections that offer unique insights into historical contexts. It particularly emphasizes the rescue of works and composers outside the Classical Guitar literature canon. Notably, Humberto Amorim highlights the immense value of José Pascoal Guimarães's collection, which stands as the second-largest compilation of guitar literature in Brazil. The focus is directed towards rescuing works that have remained unknown in the guitar literature, specifically composed by artists present in the José Pascoal Guimarães Collection, which was recently donated to UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Our investigation will revolve around manuscripts that have been unknown in the classical guitar literature until now, which were made by José Pascoal Guimarães. For this purpose, we will provide a brief biographical context of the instrumentalist and discuss the formation of their collection. Then, through the concepts and reflections proposed by Flávia Prando and Pierre Nora, we will explore the symbolic and cultural value of a musical collection for musicology and musical performance. Finally, we will shed light

on the perspective of rescuing unpublished works and composers, as the collection allows us to uncover past musical practices, identifying, for example, genres and interpretive styles.

**Keywords.** Musical collections, Classical Guitar, José Pascoal Guimarães, Brazilian Repertoire, Guitar practice

## Introdução

A pesquisa por meio do acervo de José Pascoal Guimarães tem como objetivo o resgate de obras e compositores que apesar de terem atuado de maneira ativa no cenário do violão brasileiro, através de gravações de discos, idealização de programas de rádio, composição e aulas de instrumento, não foram incorporados ao repertório do instrumento e ao programa de ensino na academia. A abordagem das obras pode ser direcionada tanto pelo viés do caráter estético – salientando a música de seresta<sup>1</sup> –, quanto pela perspectiva da técnica instrumental. José Pascoal foi uma figura muito influente e ativa no cenário violonístico de Belo Horizonte (MG) na segunda metade do século XX, e é possível identificar no conjunto reunido pelo músico ao longo de décadas diversos manuscritos confeccionados por ele a partir de gravações realizadas em sua residência. A investigação se desenvolve mediante a reflexão sobre a importância dos acervos musicais na renovação do repertório e na ampliação e no aprofundamento da historiografia do instrumento.

Natural de Braúnas (MG), José Pascoal Guimarães nasceu em 27 de março de 1932 e faleceu em Belo Horizonte em 15 de junho de 2021. Na capital mineira, para onde havia se mudado nos anos 1950, ele chegou a estudar medicina, mas acabou por fazer carreira como bancário. Seu envolvimento com a música originou-se já na infância, quando teve aulas de teoria e solfejo com a irmã e, de forma autodidata, se iniciou no violão. Sem nunca ter tido aulas formais, chegou a ser um violonista bastante competente e, sobretudo, um apaixonado pelo instrumento, dono de uma curiosidade voraz sobre tudo que dissesse respeito ao violão e à música, característica que alimentou a formação de seu acervo ao longo de toda a vida. Quase inteiramente dedicado ao violão, salvo algumas obras para piano e violino, o acervo é

---

<sup>1</sup> A música de seresta ou serenata é uma prática cultural que se estabeleceu no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Caracterizada pela prática musical em conjunto ao ar livre, em que os músicos percorriam casas de amigos e da pessoa amada, no caso de quem se pretendia cortejar, a seresta simboliza o ato de homenagem ao anfitrião. A música seresteira não é um gênero de composição específico, mas uma expressão artística “ambientada nas ruas e noites de luar”, sobre o qual é desenvolvida através de “melodias românticas, suaves, lentas e nostálgicas”. Dito isso, a formação instrumental que caracteriza a música de seresta se apresenta através do canto acompanhado por violão, flauta, cavaquinho, bandolim e por vezes até o violino, elaborada sobre ritmos como o choro, samba-canção, bolero e a valsa. (MACHADO, 2004, p. 54 – 55).

constituído de partituras originais, cópias e manuscritos, revistas, recortes de jornais, fitas K7 e de rolo, CDs, LPs, fitas VHS, correspondências com músicos violonistas e colecionadores do cenário nacional e internacional — entre os quais se destacam Ronoel Simões<sup>2</sup>, Raphael Rabello e Marcos Vinicius<sup>3</sup> — e programas de concertos. De acordo com Humberto Amorim, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que vem se dedicando a pesquisar a presença de obras para violão em grandes acervos musicais brasileiros, as coleções de Ronoel Simões e José Pascoal Guimarães são, respectivamente, o primeiro e o segundo maiores acervos dedicados ao violão no Brasil (AMORIM, 2022).

Presume-se que a constituição do acervo tenha começado nos anos 1950, quando Pascoal se mudou para Belo Horizonte. Em entrevista cedida para o documentário “Violões de Minas”, idealizado por Geraldo Vianna, José Pascoal menciona o fato de ter morado dois anos com o violonista mineiro Mozart Bicalho<sup>4</sup>. Eles costumavam tocar violão juntos, com Pascoal ora exercendo a função de acompanhador, ora assumindo o protagonismo do contorno melódico, acompanhado por Mozart Bicalho. Segundo Pascoal, esse convívio impulsionou ainda mais sua paixão pelo instrumento, visto que Bicalho era um exímio violonista, tanto como solista quanto como acompanhador. Assim, imerso em um cotidiano em que o violão era uma constante, José Pascoal Guimarães obteve o estímulo de que precisava para direcionar seus estudos de forma objetiva, pautado pelo método “Escola de Tárrega”, de Oswaldo Soares. José Pascoal passou a entender a funcionabilidade técnica do violão por meio de métodos didáticos, lapidando assim a técnica de mão esquerda e o dedilhado de mão direita (VIOLÕES DE MINAS, 2005).

O amor pela arte do violão e pelas múltiplas formas de manifestações artísticas musicais impeliu José Pascoal Guimarães a se aventurar para além da coleção de partituras e gravações em áudio e vídeo, adentrando a arte da luteria. Ele construiu quatro violões, atingindo com os instrumentos resultado bastante satisfatório, com aprovação inclusive do grande músico e violonista mineiro José Lucena Vaz<sup>5</sup>.

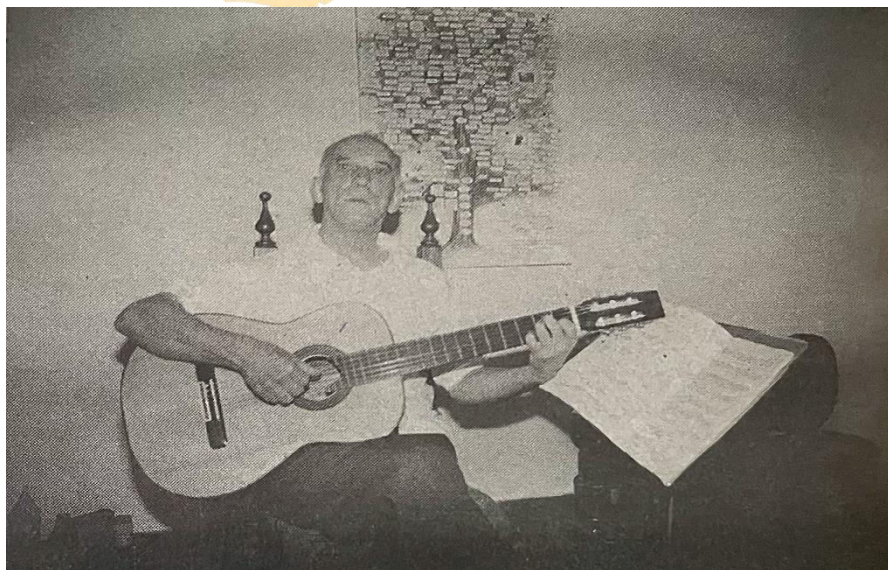
<sup>2</sup> Ronoel Simões (1921 – 2010) foi um violonista, pesquisador e colecionador paulista o qual constituiu o maior acervo referente ao violão brasileiro.

<sup>3</sup> Violonista, professor e pesquisador belo-horizontino radicado em Milão, Itália.

<sup>4</sup> Músico violonista e compositor natural de Bom Jesus do Amparo (MG). A peça “Gotas de Lágrimas” tornou-se a assinatura de Mozart Bicalho. Sua obra reflete uma estética seresteira, então muito em voga, que privilegiava gêneros musicais como valsa e choro, principalmente (MARTINS, 2013, p. 16).

<sup>5</sup> Nascido em João Pinheiro (MG), se mudou para Belo Horizonte devido à deficiência visual. Estudou no Instituto São Rafael e se destacou como exímio violonista. Implementou o bacharelado em violão clássico na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no ano de 1976.

Figura 1 – José Pascoal Guimarães com seu violão artesanal.



Fonte: Espaço cultural do Caiçaras, Belo Horizonte (01/1997)

Visto que acervos musicais podem ser caracterizados como uma porta de entrada para um universo particular, o espelho e reflexo de um contexto histórico, a pesquisa nesse âmbito nos oferece diversas possibilidades em sua abordagem, seja através da elucidação de práticas culturais de um determinado período, seja em prol do resgate — por meio de partituras e gravações — de obras e compositores que ficaram relegados às margens da literatura do instrumento, seja, por fim, com o socorro da pesquisa no campo da biblioteconomia, mediante a catalogação e preservação do material explorado, que por si só se configura como um monumento histórico de valor inestimável. Em vista disso, a importância da reflexão e da investigação de acervos musicais na perspectiva da musicologia e da performance musical é um tópico que vale salientar.

### **Acervos musicais: patrimônio cultural e valor simbólico**

O empenho no campo da pesquisa de acervos musicais ainda é escasso em comparação com a produção de conhecimento em outras áreas da musicologia e da performance (PRANDO, 2020, p. 3). Porém, a investigação científica no que concerne aos acervos vem sendo objeto de estudiosos como Flávia Prando (SESC/SP) e Humberto Amorim

(UFRJ). Este último é pioneiro na pesquisa em acervos musicais e no resgate de obras e compositores, e reitera a importância da preservação dos documentos que constituem a formação de um acervo, visto que tais elementos potencializam a representação de práticas do passado e redimensionam a historiografia do violão no Brasil (AMORIM, 2022). Sendo assim, o acervo simboliza um “lugar de memória”, a herança de uma realidade que só se manifesta através da história. Esta é, portanto, a função do musicólogo e intérprete no âmbito da pesquisa em acervos musicais: fazer emergir para a superfície obras, compositores, práticas artísticas e culturais que percorreram décadas na esfera do esquecimento.

[...] é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para — o ouro é a única memória do dinheiro — prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações. (NORA, 1993, p. 22)

Os documentos que recompõem esses “lugares de memória” estão, por conseguinte, em relação direta com o contexto histórico em que foram engendrados, oferecendo aos pesquisadores a chance de se aproximar das particularidades de um determinado período, descortinando práticas instrumentais, gêneros musicais e sua essência cultural. Nesse sentido, acervos musicais ampliam a perspectiva da “possibilidade para reconstrução não somente de repertórios, mas ainda da própria história do instrumento no país (PRANDO, 2020, p. 3).

De fato, no que se refere aos meios de veiculação da música através de discos e partituras na primeira e na segunda metade do século XX, ao contrário do que sugeriria o senso comum, nem sempre a música vigente nos meios de comunicação do momento condiz com o que há de melhor, no sentido de qualidade composicional e originalidade. Flávia Prando ressalta que “as práticas e repertórios encontram-se aí filtrados pelas preferências de patrocinadores, empresários, plateia, do ‘mercado’, deixando de refletir a grande diversidade de estilos, repertórios, gêneros e autores que os acervos musicais retratam” (PRANDO, 2020, p. 2-3).

Assim, a relevância da pesquisa por meio de acervos musicais se justifica por proporcionar o desenvolvimento e a elucidação de práticas e elementos que refletem um

contexto cultural e artístico que se perderia se uma investigação do tipo não ocorresse, expandindo a historiografia nacional do violão e da música.

## O resgate de obras e compositores

O acervo particular de José Pascoal Guimarães faculta diversas possibilidades de pesquisa, como foi salientado anteriormente, mas o elemento que levantou maior curiosidade e certa inquietação na investigação permeia o fato de ali se encontrarem numerosas obras a respeito de cujos autores não dispomos de conhecimento ou informações. Tal aspecto direcionou a abordagem do acervo pelo viés do resgate e reabilitação de obras e compositores que não foram inseridos na literatura do violão.

Uma matéria sobre José Pascoal Guimarães publicada no jornal “*Boletim informativo MinasCaixa, nº147*” no ano de 1981, suscitou alguns questionamentos ao mencionar que, “na parte de composição, ele já escreveu mais de 30 músicas de compositores empíricos como é o caso de João Pinheiro e José Vieira (O SOM, 1981, p. 8)”.

Figura 3 – Matéria em jornal encontrado no acervo particular de José Pascoal.



Fonte: Boletim Informativo MinasCaixa, 1981.

A expressão “compositores empíricos” sugere a conceitualização de uma categoria de músicos que construiu sua relação com o instrumento e a arte de forma espontânea, ou seja, sem formação institucional ou especializada. Na maioria das vezes, a prática instrumental e composicional faz parte de uma perspectiva dinâmica, autodidata e livre. Por esse viés, Flávia Prando explicita o contexto em que tal prática se apresentava:

Lembramos que muitos destes músicos não liam partituras, — e alguns, mesmo sabendo ler notas, não tinham as habilidades para transcrever para o pentagrama as suas composições — eram músicos práticos, como é habitual descrevermos músicos cujo aprendizado intuitivo além de ser realizado através da percepção auditiva, ou “de ouvido” como se costumava dizer, inclui ainda o informal e muito usual método conhecido como “de mão em mão”, método pelo qual muitos violonistas aprendem música no instrumento, observando e imitando os movimentos de alguém tocando, em uma espécie de espelho. (PRANDO, 2020, p. 5)

José Augusto Vieira e João Pinheiro possivelmente se enquadram no contexto sociocultural ilustrado por Flávia Prando, com sua aprendizagem podendo ser caracterizada como uma das práticas mais habituais no Brasil em meados do século XIX e XX. Deste modo, além da indústria fonográfica, que exerce um papel substancial na difusão das obras destes músicos, as transcrições em manuscritos feitas pelos próprios autores ou confeccionadas por terceiros são aspectos significativos para que seja possível perpetuar este repertório.

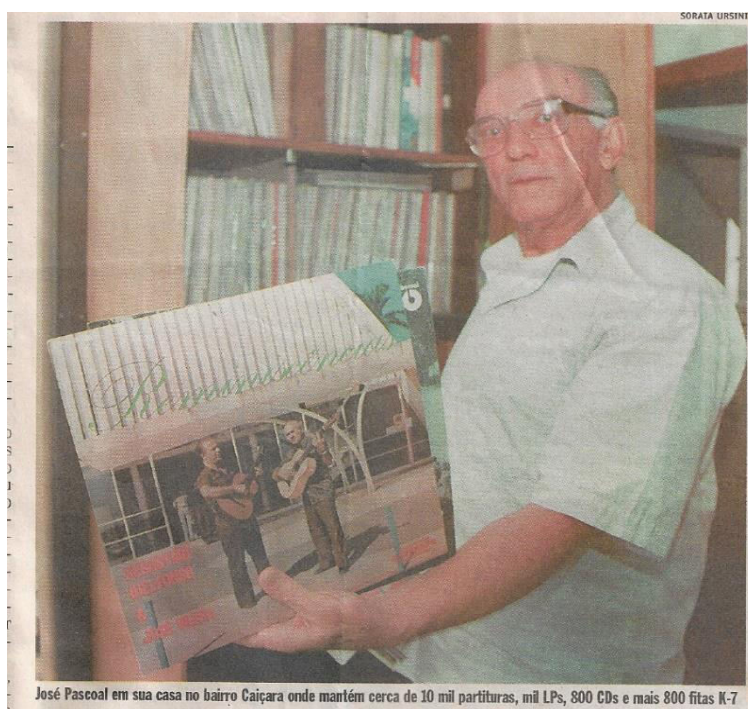
Após a revisão de todo o material do acervo, encontramos manuscritos confeccionados por José Pascoal desses dois compositores. Destacam-se no conjunto as transcrições de peças de José Augusto Vieira. De acordo com uma nota deixada na contracapa do caderno de manuscritos, as transcrições foram concebidas a partir de uma gravação realizada por Pascoal em sua própria residência em 31 de maio de 1968. Além de José Vieira e João Pinheiro, é possível constatar também outras obras em manuscrito e compositores dos quais não há notícia de publicação e divulgação nos meios de comunicação mais difundidos na atualidade, como a internet. Nesse sentido, é válido ressaltar a significativa complexidade por detrás do trabalho no resgate desses compositores, visto que muitos deles são virtualmente desconhecidos do público.

José Augusto Vieira (1911-1994), um dos “compositores empíricos” citado na matéria do jornal “Boletim Informativo”, foi um violonista sobre o qual até o momento não se tem qualquer informação biográfica, mas é possível verificar sua forte atuação do cenário da

música violonística na segunda metade do século 20, principalmente em Belo Horizonte, por meio dos discos gravados com os violonistas Sebastião Idelfonso e João Pinheiro. Além disso, é válido ressaltar a difusão de sua música, na época, através da rádio, notadamente por meio do programa “Meu amigo o violão”, idealizado por José Vieira e Sebastião Idelfonso (1928) a partir dos anos de 1960. Uma das atrações mais conhecidas em Belo Horizonte, o programa transitou entre várias das mais importantes transmissoras de rádio da cidade até maio de 2009, quando foi ao ar pela última vez na Rádio América (antiga Rádio Jornal de Minas) (MARTINS, 2013, p. 47-48).

Em contrapartida, não obtivemos informações relativas a João Pinheiro. Mas continuamos empenhados na busca e investigação acerca de informações sobre ele.

Figura 4 – José Pascoal Guimarães segurando disco “Reminiscências”, gravado por Sebastião Idelfonso e José Vieira.



Fonte: Ailton Magioli. A história do violão tem guardiões no país: José Pascoal e Ronoel Simões preservam, em Minas e São Paulo, dois dos maiores acervos do violão no Brasil. *Magazine Brasil* (2001)

Até o momento identificamos aproximadamente 40 manuscritos no acervo de José Pascoal Guimarães. Depreende-se daí uma prática comum da época, qual seja, a transcrição de peças a partir de gravações e até mesmo de cópias das partituras originais. Uma nova revisão desse recorte é necessária para apurar com mais precisão de que se trata em cada caso



e para quantificar as obras de compositores que se encontram às margens da literatura do violão. Entre o material encontrado, podemos mencionar, além de obras dos compositores João Pinheiro e José Augusto Vieira, peças de Lauro Cataldi, João Batista, Mário Ramos e José Oliveira Queiroz.

### **O espelho de uma era: a prática da gravação caseira e a confecção de manuscritos**

A nota confeccionada por José Pascoal Guimarães na contracapa do álbum de manuscritos do violonista e compositor José Augusto Vieira documenta uma rotina habitual para ele e a família. Pascoal recebia amigos músicos em sua residência e frequentemente gravava composições executadas durante essas reuniões para que futuramente pudessem ser acessadas. Desta maneira, a tarefa de registro era concebida como fonte de memória de momentos de confraternização e música. Segue a nota de José Pascoal:

O conhecido violonista, José Vieira a quem hoje tantos aplausos provêm das mais remotas paragens deste Brasil, fora muita honra nos trouxe com sua visita à nossa casa na rua \*\*\*\*, n\* em Belo Horizonte, onde tivemos o prazer de apreciá-lo no trato carinhoso que dispensa ao instrumento predileto dos brasileiros, o violão. Na oportunidade foi gravada uma fita contendo músicas da lavra do ilustre visitante, todas elas executadas pelo próprio (vimos o próprio leão rugindo). Escrevi as músicas para que algum dia seja lembrada a visita de José Vieira em 31 de março de 1968. As músicas foram escritas de acordo com a gravação em fita. O Sr. José Vieira é antigo violonista da rádio em diversas estações de Belo Horizonte; principalmente em dupla com o incomparável violonista João Pinheiro. (GUIMARÃES, 1968)

Essa prática resultou em uma vasta coleção de gravações caseiras. Nessa direção, é oportuno mencionar que a grande maioria dos manuscritos de José Pascoal origina-se da transcrição de gravações, tanto caseiras quanto comerciais. Outro expediente muito comum consistia na produção de cópias manuscritas a partir de obras originais, procedimento recorrente na veiculação das partituras no século passado, dada a grande dificuldade na aquisição e no acesso a tais itens, que contrasta com a facilidade que a internet nos proporciona na atualidade.

Figura 5 – Contracapa escrita por José Pascoal no álbum de manuscritos do compositor José Vieira (1968)

*Nota*

O conhecido violonista, José Vieira a quem hoje tantos aplausos, provenir das mais remotas praças deste Brasil, fora muito honra nos trazer com sua visita a nossa casa na Rua Formosa, 43 em São Horizonte, onde tivemos o prazer de apreciá-lo no trato carinhoso que dispôs ao instrumento predileto dos brasileiros, o violão.

Na oportunidade foi gravada uma fita contendo músicas da terra do ilustre visitante, todas elas executadas pelo próprio. (Vimos o próprio João regendo)

Escrevi as músicas para que algum dia seja lembrada a visita de José Vieira. em 31-Março-1968

as músicas foram escritas de acordo com a gravação em fita.

O Sr. José Vieira é antigo violonista do rádio em diversas estações de São Horizonte, principalmente em dupla com o incomparável violonista, João Girleiro.

Fonte: Acervo pessoal de José Pascoal Guimarães (2023)

Até o momento, o foco tem sido nos dois músicos mencionados na matéria publicada no jornal “Boletim informativo MinasCaixa, nº147”, em função de serem compositores ausentes de qualquer publicação acadêmica até o momento e de nada se saber a respeito de suas biografias, trajetórias profissionais ou de uma eventual organização editorial de suas obras. Outro elemento que nos direciona para o enfoque em José Augusto Vieira e João Pinheiro são as gravações realizadas por José Pascoal encontradas no acervo e mencionadas pelo próprio na contracapa do álbum, aspecto que nos possibilita uma análise crítica dos manuscritos através das gravações confeccionadas por ele.

Figura 6 – *Lua de Mel* de José Vieira. Manuscrito feito por José Pascoal Guimarães em 1º de abril de 1968.



Fonte: Acervo pessoal de José Pascoal Guimarães (2023)

Como pode ser notado, o manuscrito se encontra em ótimo estado de conservação. A grafia musical é bastante clara e o capricho de José Pascoal se mostra evidente. Tal cenário, contudo, não descarta a necessidade de elaboração e desenvolvimento de uma nova edição das peças, visto que o levantamento do repertório desses violonistas e sua organização editorial, gravação e divulgação são elementos que regem os objetivos da pesquisa.

Figura 7 – Edição da peça *Lua de Mel* de José Vieira.

**Lua de mel**

Tr. José Pascoal Guimarães (01/04/1968)      Valsa      José Augusto Vieira  
Ed. Roger Deboben



Fonte: Roger Deboben. O próprio autor (2023)

A proposta, no que concerne à edição e possivelmente à gravação das peças de compositores que permaneceram às margens da literatura do violão, é justamente provocar o impulso para que essas obras sejam implementadas na historiografia do instrumento e sejam apresentadas como um elemento que reflete as práticas culturais de um determinado período histórico.

A característica predominante na linguagem composicional na segunda metade do século XX, em que o gênero da valsa e do choro assumem grande protagonismo, seja nos meios de difusão da música, como emissoras de rádio e LPs, ou nos parâmetros estéticos e expressivos da composição (MARTINS, 2013, p. 16), é a do violão seresteiro. Com efeito, observa-se nos discos “Reminiscências” e “Aquarela da Saudade”, gravados por Sebastião Idelfonso e José Vieira, e “Violões em Seresta”, gravado por José Vieira e João Pinheiro, uma característica muito comum da época: apesar de gravarem peças que se consolidaram na tradição do violão de concerto solista — como, por exemplo, “Abismo de Rosas”, de Américo Jacomino (Canhoto), e “Sons de Carrilhões”, de João Pernambuco —, a construção interpretativa se dava sempre a partir do diálogo entre dois violões. Um violão se destinava à execução mais enfática do contorno melódico, excetuadas algumas notas do acompanhamento, e o segundo violão se encarregava exclusivamente da condução rítmica e harmônica. Outro aspecto que vale ressaltar é o uso de encordoamentos de aço, evidente também nas gravações de um dos maiores nomes do violão seresteiro do Brasil, Dilermando Reis.

### **Considerações finais**

A pesquisa em acervos musicais pelo viés do resgate de obras e compositores nos insere no papel de agentes da renovação do repertório e viabiliza a elucidação de práticas remotas. O empenho de pesquisadores e intérpretes na reabilitação de repertório e na recuperação de práticas culturais que caracterizam um determinado período histórico é essencial para que suas particularidades sejam divulgadas ao público através de gravações e edições de partituras. Assim sendo, a pesquisa do acervo de José Pascoal Guimarães é desenvolvida sob a perspectiva de ampliar as abordagens historiográficas do violão na segunda metade do século XX em Minas Gerais, tomando as gravações e manuscritos confeccionadas como concretude de uma vivência musical pregressa e como auxílio direto na aproximação com a essência cultural e artística de práticas do passado, tais como caráter interpretativo, técnicas, nuances sonoras e linguagem estilística e composicional.

## Referências

AMORIM, Humberto. Importância da preservação e alocação do Acervo Pascoal Guimarães na UFMG. Às autoridades da Universidade Federal de Minas Gerais, Rio de Janeiro, 2022, 13 out. 2022.

DEBOBEN, Roger. *Lua de Mel, composta por José Vieira*. Edição, Belo Horizonte, 20/05/2023.

GUIMARÃES, José Pascoal. Acervo particular, Belo Horizonte, 05/2023.

GUIMARÃES, José Pascoal. *Lua de Mel, composta por José Vieira*. Transcrição em manuscrito, Belo Horizonte, 04/01/1968. Acervo particular de José Pascoal Guimarães. 2 f.

MACHADO, Marcelo Novaes. As Doze Valsas de Esquina de Francisco Mignone: um estudo técnico-interpretativo a partir de suas características decorrentes da música popular. 2004.

MAGIOLI, Ailton. *Magazine Brasil*. História do violão tem guardiões no país: José Pascoal e Ronoel Simões preservam, em Minas e São Paulo, dois dos maiores acervos do violão no Brasil. Belo Horizonte, 12 jan. 2001. p. 4.

MARTINS, Reginaldo de Almeida. *Muito além da valsa Gotas de Lágrimas: o violão seresteiro de Mozart Bicalho em transcrições e arranjos de seus álbuns Sonhando ao Luar e um Senhor Violão*. 2013. 314 f. Dissertação (Mestrado em performance musical). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 10, 1993.

O SOM vivo do violão de Pascoal. *Boletim Informativo da MinasCaixa*, Belo Horizonte, ano 1981, v. 147, n. XVII, maio 1981. p. 8.

POR AMOR a música. *Espaço Cultural do Caiçaras*, Belo Horizonte, 01/1987.

PRANDO, Flavia. Acervos musicais: possibilidades para reconstrução de trajetórias e reabilitação de repertório para o violão brasileiro. In: *XXX Congresso da Anppom*. 2020.

VIOLÕES DE MINAS. Produção e direção: Geraldo Vianna. Belo Horizonte: Gvianna música, 2005. Youtube. 18, set de 2018. (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XoYf9FI6i4o&t=168s>). Acesso em: 2023.